

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: O QUE PENSAM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Julio Gomes Almeida¹

gomes_almeida@uol.com.br

Cristiane Braga Ferreira²

crisbragaead@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta dados parciais de uma pesquisa que discute repercussões da implantação do trabalho colaborativo de autoria na rede pública municipal de São Paulo como instrumento de avaliação das habilidades e competências adquiridas pelos alunos no percurso realizado durante o ensino fundamental. No desenvolvimento da pesquisa foi adotada abordagem qualitativa de caráter exploratório e os dados foram produzidos por meio de uma roda de conversa com oito alunos a partir de roteiro preestabelecido. Os dados produzidos junto aos alunos instigam a refletir sobre diferentes aspectos da relação educativa e, sobretudo, sobre formas de incluir sua voz nas discussões sobre a noção de qualidade da educação. Por isso ouvi-los nos parece um caminho promissor.

PALAVRAS-CHAVE: AVALIAÇÃO; ALUNO; EDUCAÇÃO; ENSINO; QUALIDADE.

INSTITUTIONAL EVALUATION: WHAT DO STUDENTS THINK OF FUNDAMENTAL EDUCATION IN QUALITY EDUCATION?

ABSTRACT

This article presents partial data of a research that discusses repercussions of the implantation of the collaborative work of authorship in the schools of the municipality of São Paulo. As an instrument of evaluation of the skills and competences acquired by the students throughout elementary school. In the development of the research, a qualitative exploratory approach was adopted and the data were produced through a conversation with eight students from a pre-established script. The data produced with the students instigate reflection on the different aspects of the educational relationship and about ways to include their voice in the discussions about the notion of quality of education. Thus, listening to what they have to say seems to be promising.

KEY WORDS: EVALUATION; STUDENT; EDUCATION; TEACHING; QUALITY.

1 Universidade Cidade de São Paulo

2 Rede Municipal de Educação de São Paulo.

EVALUACIÓN INSTITUCIONAL: ¿QUÉ LOS ALUMNOS PENSAN DE LA EDUCACIÓN FUNDAMENTAL EN LA EDUCACIÓN DE CALIDAD?

RESUMEN

Este artículo presenta datos parciales de una investigación que discute repercusiones de la implementación del trabajo colaborativo de autoría en la red pública municipal de São Paulo como instrumento de evaluación de las habilidades y competencias adquiridas por los alumnos en el recorrido realizado durante la enseñanza fundamental. En el desarrollo de la investigación se adoptó un enfoque cualitativo de carácter exploratorio y los datos fueron producidos por medio de una rueda de charla con ocho alumnos a partir de un itinerario preestablecido. Los datos producidos junto a los alumnos instigan a reflexionar sobre diferentes aspectos de la relación educativa y sobre todo sobre formas de incluir su voz en las discusiones sobre la noción de calidad de la educación. Por eso oírlos nos parece un camino prometedor.

PALABRAS CLAVE: EVALUACIÓN; ESTUDIANTE; LA EVALUACIÓN; LA ENSEÑANZA; LA CALIDAD

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta dados de uma pesquisa que buscou discutir as repercussões do Trabalho Colaborativo de Autoria nas relações de ensino e de aprendizagem em uma escola da rede pública municipal de São Paulo a partir da visão de alunos e professores.

A realização da pesquisa se deu em função da elaboração de uma dissertação de mestrado para o Programa de Mestrado em Educação de uma universidade privada situada na Zona Leste da cidade e está articulada com pesquisa mais ampla que investiga a percepção de alunos do ensino fundamental sobre educação de qualidade. Foi desenvolvida mediante parceria entre esse Programa de Mestrado e quatro escolas das redes municipal e estadual, todas situadas no município de São Paulo.

O Trabalho Colaborativo de Autoria foi instituído como exigência para conclusão do Ensino Fundamental na rede municipal de São Paulo pela Portaria 5.930/13 que regulamenta o Decreto nº54.452 de 10/10/13 e que institui o Programa de Reorientação Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – “Mais Educação São Paulo”.

A pesquisa aborda diversas questões relacionadas à repercussão do trabalho colaborativo de autoria nas relações de ensino e de aprendizagem na visão de alunos e professores, entre elas a relação deste trabalho com a qualidade da educação oferecida pela escola pública. Neste trabalho fizemos um recorte e apresentaremos apenas as percepções dos alunos sobre educação de qualidade.

ENSINO PÚBLICO: QUALIDADE E MEDIDA DE QUALIDADE

A qualidade de ensino oferecida na escola pública de educação básica tem sido muito questionada. As responsabilidades por essa situação têm sido buscadas de diversas formas e

em diversas situações. Há alguns que consideram o desempenho insuficiente dos alunos uma responsabilidade dos próprios alunos que não estariam mais valorizando a escola como espaço onde vão adquirir conhecimento; outros que consideram que a responsabilidade é dos professores que precisam ser capacitados para lidar com gerações de estudantes marcadas pelos avanços tecnológicos e outros ainda, que colocam a responsabilidade nos sistemas educacionais, cuja organização e funcionamento vêm perpetuando fragilidades que impossibilitam o desenvolvimento integral dos alunos, sobretudo daqueles que vivem em contextos de alta vulnerabilidade social.

Com a definição pela Constituição de 1988 da educação como direito de todos e dever do Estado, as iniciativas voltadas para a garantia de acesso e permanência, iniciadas com os movimentos pela democratização, foram intensificadas nas diferentes esferas da educação nacional. Em 1996, em consonância com a Constituição Federal, a Lei 9.394/96 ratifica a educação como direito de todos e também o princípio constitucional segundo o qual era preciso garantir padrão de qualidade para a educação oferecida pelos sistemas e unidades escolares. Com relação à garantia de acesso, dados apresentados por Oliveira (2007) dão conta de que ele está praticamente garantido, embora ainda se verifiquem a desigualdade e a exclusão em alguns locais e grupos sociais específicos.

Embora a desigualdade e a exclusão permaneçam, evidenciando que o ensino fundamental não deixou de ser uma etapa produtora de injustiça, percebe-se que as políticas voltadas para a universalização do acesso com qualidade, vêm produzindo resultados, como evidencia o trecho seguinte:

Evidentemente, a desigualdade e a exclusão permanecem. Não é por isso que sequer o ensino fundamental tenha deixado de ser etapa produtora de desigualdade educativa. Além disso, os discriminados de ontem continuam a ser os discriminados de hoje. Mas a desigualdade existente hoje não é mais a mesma e nem ocorre nos mesmos termos da que ocorria no passado. Setores mais pobres reprovam mais, evadem mais, concluem menos, o mesmo ocorre com negros e meninos, mas, mais importante que isso, aprovam mais, permanecem mais e concluem mais do que em qualquer outro momento de nossa história educacional, ainda que permaneçam como os setores mais excluídos. Só que não são excluídos da mesma maneira que no passado! (OLIVEIRA, 2007, p. 682).

Como vemos, é certo que as crianças vindas dos setores mais pobres continuam sendo as que mais reprovam e as que mais são excluídas da escola se comparadas com as crianças de famílias mais abastadas, mas essas mesmas crianças hoje permanecem mais na escola e concluem mais o ensino fundamental do que concluíam tempos atrás. Essa situação tem colocado em pauta um novo desafio: garantir educação de qualidade àqueles que não apenas chegaram na escola, mas estão conseguindo realizar o percurso escolar.

Com relação ao acesso e permanência, há instrumentos claros de verificação e de responsabilização dos agentes públicos que negligenciam essa tarefa. Além dos recursos tecnológicos, há grande divulgação nos meios de comunicação sobre o dever do estado de garantir esse direito de modo que o cidadão tenha ao alcance das mãos os instrumentos legais para acionar aquela instituição que deve garanti-lo.

No que se refere à qualidade, a questão se apresenta mais complexa, uma vez que é nesse campo que os diversos interesses buscam ser contemplados. Assim, o governo federal, os governos

estaduais e municipais passaram a implementar iniciativas com vistas a definir e garantir padrão de qualidade para a educação pública. A definição desse padrão de qualidade se apresenta como condição para a construção de uma agenda nacional para a educação; contudo, os debates que têm se travado no campo da avaliação educacional têm evidenciado ser este um tema de grande complexidade, sobretudo em decorrência de concepções e interesses políticos nele envolvidos. Embora muito se discuta sobre essa questão, parece não ser fácil chegar a um acordo sobre a noção de qualidade para a educação pública, como evidenciado a seguir:

É muito difícil, mesmo entre especialistas, chegar-se a uma noção do que seja qualidade de ensino. A análise aqui apresentada está fundamentada na percepção de que, no Brasil, a qualidade de ensino foi percebida de três formas distintas. Na primeira a qualidade determinada pela oferta de insuficiente; na segunda a qualidade percebida como disfunção no fluxo ao longo do ensino fundamental; e na terceira por meio da a generalização de sistemas de avaliação baseados em testes padronizados” (OLIVEIRA, 2003.p.6).

Segundo Oliveira (2003), a garantia de padrão de qualidade passa a ser um dos princípios segundo os quais se estruturarão os sistemas de ensino. Nesse sentido o autor destaca a necessidade de transformar o padrão de qualidade para todos em parte do direito público subjetivo à educação fundamental. Houve, segundo ele, notáveis ganhos no acesso das crianças e jovens à escola no Brasil, mas a esses ganhos correspondem desafios não menos significativos. Tais desafios se tornam mais evidentes quando se comparam os dados de matrículas no ensino fundamental e os resultados obtidos pelos alunos em processos avaliativos da qualidade de ensino.

Realmente o resultado obtido pelos alunos nos processos avaliativos externos são dados importantes na avaliação da qualidade da educação oferecida por uma unidade ou sistema de ensino, porém o debate que se tem travado no mundo acadêmico, conforme sistematização em Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) tem evidenciado, entre outros aspectos, que eles não são suficientes para avaliar a qualidade da educação oferecida pela escola pública. Pesquisadores, gestores de políticas públicas, professores e mesmo os meios de comunicação têm se manifestado constantemente sobre essa questão e em todos os discursos a sua complexidade tem sido evidenciada.

Com objetivo de contribuir com a discussão sobre a noção de qualidade de educação pública, por meio desta pesquisa, buscamos incluir neste debate a palavra dos alunos da escola pública, um sujeito importante e que parece não vir recebendo a devida atenção.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A abordagem da pesquisa foi qualitativa de cunho exploratório e os dados aqui apresentados foram produzidos por meio de uma roda de conversa, gravada em áudio, com duração de uma hora e trinta e dois minutos, com 8 alunos do 9º ano, portanto, alunos que estão concluindo o ensino fundamental. O critério de inclusão dos alunos na pesquisa foi primeiro o próprio consentimento e, segundo, o consentimento do responsável.

A Roda de Conversa ocorreu a partir de roteiro preestabelecido e destacamos neste trabalho a percepção dos alunos sobre educação de qualidade, o que consideramos que uma escola precisa ter para oferecer educação de qualidade e que fatores interferem para que a qualidade do ensino

de uma escola seja considerada ruim. Nesse contexto, por se tratar da participação de jovens em um ambiente escolar, manter a descontração e informalidade foi um procedimento importante para permitir que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto.

No trecho a seguir, Melo e Cruz (2014: p.32) falam da utilização da roda de conversa em pesquisa com alunos do Ensino Médio:

No contexto da pesquisa a escolha dessa técnica – Roda de Conversa – ocorreu principalmente por sua característica de permitir que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo. Para que a atmosfera de informalidade e descontração pudesse ser mantida, utilizou-se o termo Roda de Conversa para referir-se aos encontros, pois se entende que esse termo é adequado, tanto ao ambiente escolar, quanto ao grupo dos alunos (MELO & CRUZ, 2014: p.32).

Na conversa com os alunos prevaleceu o clima de descontração e informalidade, em grande medida em função da atuação desta pesquisadora como professora na unidade e muitos deles terem sido meus alunos. O roteiro visava identificar percepções dos alunos sobre a relação entre o Trabalho Colaborativo de Autoria e a qualidade da educação oferecida pela escola onde estudam, mas, neste trabalho, apresentamos um recorte, isto é, o entendimento deles sobre educação de qualidade.

A produção dos dados junto aos alunos se deu em duas etapas: inicialmente foram explicados os objetivos da pesquisa, esclarecidos de que não se tratava de avaliação e que a participação era voluntária e todos tinham plena liberdade para não participar. Entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para colherem assinaturas dos responsáveis e marcamos o encontro para o dia seguinte. No dia seguinte, oito alunos retornaram com os termos assinados e puderam participar da roda de conversa. Foram retomados os objetivos da pesquisa e informados de que o encontro seria gravado, com o que todos concordaram.

ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE: A PALAVRA DOS ALUNOS

A escola onde a pesquisa foi realizada atende cerca de 950 alunos em dois turnos diurnos e um noturno e está situada na periferia Leste da cidade, mais especificamente, na região de Itaquera. Atende crianças e jovens de um assentamento próximo e também de moradias erguidas às margens de um córrego. Além da situação de vulnerabilidade decorrente da situação de moradia, a condição de vida dos alunos é também fragilizada em função da pobreza e violência às quais estão submetidos.

Parte da população está sujeita a constantes enchentes e, por diversas vezes, a escola contribui com famílias que perdem tudo, por meio de arrecadações. O córrego também serve, em muitos momentos, como uma extensão do quintal de casa para algumas crianças que costumam brincar em seu leito. Esse contato com a água poluída provoca um índice elevado de doenças na região, que conta com apenas uma unidade básica de saúde.

Embora esteja situada em uma região de alta vulnerabilidade social, as falas revelam que a palavra dos alunos é considerada pelos responsáveis por sua gestão. Em vários momentos da

conversa, como veremos no decorrer deste trabalho, eles se referem à escola como democrática, como um lugar onde são ouvidos. Ao responderem sobre o que consideram educação de qualidade os alunos recorrem à própria experiência na sala de aula e evidenciam fragilidades da escola.

Muito se tem discutido sobre qualidade de educação, inclusive hoje se coloca como o grande desafio para o sistema educacional brasileiro a criação de um padrão de qualidade para o ensino público. Várias falas convergem para uma ideia aparentemente óbvia, mas que não deixa dúvidas sobre o que consideram o papel essencial da escola: para eles uma educação de qualidade é aquela em que o professor explica de uma maneira que o aluno aprende:

Eu acho que a educação de qualidade é quando você, tipo, ensina para a pessoa e ela entende bem, tipo, não tipo você explica de um jeito que ela não vai entender. Tem que explicar de um jeito que ela vai entender, sabe? Tipo, senão ela você vai explicar até ela entender, mas se você explicar de um jeito que ela entende, aí ela vai entender. Então, mas essa é a questão das aulas porque nem todo mundo entende. Porque uma pessoa entende, mas outra não. Aí precisa repetir. Para entrar nesse assunto de qualidade, eu tenho que entrar nesse assunto das aulas também, porque é tipo assim: o que chamamos de qualidade? (DANIEL)

Outro critério utilizado pelos alunos para definir educação de qualidade é a participação dos alunos nas atividades propostas. Na fala seguinte o aluno critica a prática de passar exercício na lousa e mandar o aluno responder, o que, segundo ele, não leva à aquisição de conhecimento, como podemos verificar:

Educação de qualidade pra mim é quando todos os alunos participam, eles aprendem, tem aquela coisa de que você vai na aula, você tem gosto, você vai, você aprende. Não é o professor passar o texto na lousa e você responder, como o professor faz com nós. Ele fala assim: traduz tal texto aí na Internet. Isso não é Educação. Isso você não está aprendendo. Isso você está copiando e colando. Isso é a mesma coisa de você olhar e copiar para a folha. Você não está adquirindo conhecimento. Então, por isso que a Educação de qualidade tem que ser investido. Num país onde a Educação é pouca, o país é um lixo, porque a Educação é a única arma que pode mudar o mundo. (ISRAEL).

Além de colocar a participação de todos como critério de qualidade é importante notar que o aluno também relaciona a qualidade com o valor do país e manifesta convicção de que é preciso investimento em educação. Na mesma direção da fala anterior, na fala seguinte o aluno defende a interatividade do professor com o aluno como critério de qualidade e condena a cópia como recurso pedagógico, como podemos vislumbrar na seguinte fala:

Educação de qualidade é quando o professor tem interatividade com os alunos. Passa atividades produtivas para que os alunos aprendam, tipo, não como Isaque falou só passar um texto, mandar o aluno copiar, escrever no caderno e dar. Se não fazer vai ficar sem nota. Isso o aluno não desfruta nada. Ele não aprende nada. Tipo, o professor de Inglês faz isso (EDUARDO).

Embora tanto se fale de que vivemos uma era digital, que a escola lida com gerações acostumadas com as facilidades das tecnologias, ainda vemos que a cópia, no velho estilo tradicional, é um recurso bem utilizado e que incomoda os alunos, que questionam a relação entre fazer cópia

e a formação para a autonomia proclamada na legislação educacional e repetida nos discursos da escola e sobre a escola:

É bem interativo porque quando a gente só tá copiando, a gente não tá aprendendo a ser autônomo, a gente está aprendendo a ser copiadores, a gente só copia a lição da lousa. Num tô falando que o professor não deve passar lição na lousa. O que o professor tem que fazer? Passar lição na lousa e explicar, igual a professora Maria Luíza faz. Ela passa a lição na lousa e depois ela explica, mas tem muito professor que só manda copiar. O que a gente vai aprender com isso. O que a gente vai aprender com copiar? Porque isso tá no livro. A gente pode ler no livro. A gente num tá aprendendo nada, copiando. (LEONARDO).

Tem essa questão de estar sempre explicando, mas tem que estar sempre com as rédeas lá, com a Disciplina, tipo não aquela bagunça que tem na sala. Tipo, passou certinho ensinou. Também, a professora explicou “trocentas” vezes, e o aluno viajando lá. Também tem que saber que tem essa (GUILHERME).

É importante destacar que, ao definirem educação de qualidade, os alunos incluem também a atitude adequada do aluno como um fator que contribui para que a educação tenha qualidade. Em suas falas os alunos manifestam claramente o que entendem por educação de qualidade e revelam consciência de que esse é um processo que, para ter qualidade, precisa que cada um cumpra sua parte.

POR UMA EDUCAÇÃO DE BOA QUALIDADE

Foi solicitado aos alunos que se manifestassem sobre do que uma escola precisava para oferecer educação de boa qualidade e também sobre que fatores podem interferir para que a qualidade da educação oferecida por uma escola tenha qualidade ruim. No caso da oferta de educação de boa qualidade destacamos a seguinte fala:

Professores excelentes, claro, alunos cooperativos, isso não é só o professor, cada um tem que fazer a sua parte. Também os coordenadores, quem dirige a escola, para não virar bagunça. Resumindo aqui, professores cooperativos, alunos cooperativos, todos tem que ter educação, claro, tem que ter diretor, toda a secretaria para estar te ajudando, estar te dando informação (PAULO).

Além de professores e alunos interessados, a fala também destaca o papel dos coordenadores, isto é, “de quem dirige a escola”. Destaca ainda o papel da cooperação, como um requisito de todos que frequentam o ambiente escolar. As falas reproduzem em certo sentido o discurso segundo o qual quem faz a escola oferecer uma educação de melhor ou de pior qualidade são os alunos e os profissionais que ali convivem e nesta convivência constroem um clima favorável às relações de ensino e de aprendizagem fundadas no respeito mútuo.

Precisa de ter interação, entre todos, aluno, professores, diretores, coordenação, os inspetores, inspetoras. Precisa de interação entre todos, porque a escola não vai rodar só com professores, a escola não vai rodar só com diretores, a escola vai rodar com os alunos, com os diretores, com os inspetores. Isso sim é uma escola, não é formada só por professores onde você não têm a opinião do aluno. Você precisa ter uma opinião do aluno, para você ter a interação, o professor e o aluno (LEONARDO).

A ideia de que uma escola se faz com a participação de todos apontada na fala anterior é ampliada na fala seguinte, quando Suellen apresenta a escola como de perfil democrático:

Fazemos parte de um todo, a nossa escola, é uma escola democrática, sempre escuta a opinião dos alunos. Então eu acho assim, que cada parte da escola depende de uma parte, então, se juntarmos tudo, formamos uma escola melhor, porque do mesmo jeito que os alunos dependem do professor, os professores dependem dos alunos para ensinar. Então eu acho que para ter uma escola melhor, com qualidade de educação devemos todos se juntar numa sintonia. A escola tem que oferecer um bom estudo, os alunos têm que cooperar também, tem que ter uma ótima qualidade de estudo, de ensino, no caso. Um bom desenvolvimento do aprendizado do aluno.[...] (SUELLEN).

A fala permite inferir que a escola pesquisada é gerida segundo princípio constitucional, reiterado na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional de que a gestão da escola pública tem que ser democrática e coloca o fato de os alunos serem ouvidos como indicadores do que entendem por escola democrática. Reitera ainda que a escola precisa oferecer bom estudo e precisa de alunos cooperativos e relaciona qualidade da educação com essa interface em função da aprendizagem.

Na fala seguinte, essa ideia é completada e ampliada, destacando o papel da amizade nesse processo:

Primeiramente, tem que ter interatividade com todo mundo, os professores tem que ter interatividade com os alunos, a mesma coisa com os alunos com os professores, a escola inteira. Porque tipo assim, se não tiver esse tipo de parceria, esse tipo até de amizade, não flui nada, não vai se aprender nada, tem que ter amizade. Se você olha aquele professor, ele é chato, eu não vou nem prestar atenção nele, você não vai aprender nada. Um professor legal, nossa, gostei daquele professor, vou prestar atenção, o aluno aprende, ele consegue discutir, ele consegue responder as perguntas, flui bem melhor. Tem que ter amizade. Tem que ser uma escola unida (EDUARDO).

Essa fala retoma uma questão importante e que tem sido negligenciada pela escola que é a questão da amizade entre aqueles que frequentam a escola como facilitadora da aprendizagem. Por um lado, os alunos destacam o caráter democrático da escola como um facilitador da convivência e, por outro lado, apontam o vandalismo e as brigas entre os alunos como fator que interfere negativamente na qualidade da educação:

Várias brigas...é...vandalismo, aí prejudica bastante essas coisas. Porque aí o professor vai ficar focado. Tipo...ontem a sala foi pichada. Picharam a sala de ciências e aí a professora perguntou se foi na aula dela. Aí a gente falou que não. Que quando a gente chegou já estava lá, na hora que a professora chegou, a gente estava de vaga naquela sala. Pediram para a gente ficar dentro da sala mesmo. Aí ela perguntou se foi a nossa sala e a gente falou que não. Aí ela falou: ainda bem, porque se fosse a sala de vocês, ia ficar ruim, porque é uma das melhores. Aí a gente falou: não professora, não foi a gente, graças a Deus. Aí essas coisas prejudicam, porque ficam caçando quem foi, que fez e aí acaba prejudicando o ensino, porque até o professor ficar procurando quem foi, já passou a aula toda (SUELLEN).

Bom, as brigas, elas podem atrapalhar bastante as aulas e também o local onde fica a escola. Tipo, fica numa comunidade, num morro, num beco e aí pode acontecer intrigas entre pessoas e aí, coincidentemente, elas podem estudar nesta escola. Podem levar brigas para a escola, que nem a Suellen falou que isso atrapalha a aula, ficar procurando quem fez isso, aquilo. Pode levar o turno inteiro, procurando quem foi e não ter aula (EDUARDO).

Nas falas verifica-se certo consenso entre os alunos no sentido de entender as brigas que ocorrem na escola como um fator que interfere na qualidade da educação. Um dos indicativos dessa interferência é o fato de o professor ocupar o tempo que seria de aula para resolver questões relacionadas a essas brigas. Os alunos apontam que as brigas que ocorrem na escola geralmente não começam na escola, contudo, a escola é o espaço onde eclode tensões geradas na comunidade onde vivem.

Neste sentido considera que as brigas são trazidas para a escola por alunos que não pensam no que é bom ou ruim para si, que vão para a escola bagunçar. Na fala seguinte, além de concordar com os colegas que as brigas são levadas para a escola pelos alunos, ele também aponta que quando “um monte” de alunos faz isso, a situação acaba “ocasionando num defeito que a escola tem” e a partir do qual se classifica a escola como de qualidade ruim.

Outra questão que os alunos acreditam interferir no seu rendimento da sala é a chegada de pessoas vindas de outras salas ou de outras escolas. Os alunos acreditam que estudar com os colegas ajuda na aprendizagem e que a entrada de alunos vindos de outras salas atrapalha. Leonardo considera que estudava em uma sala boa, mas “chegou gente, mas tipo... mas da pesada...” Israel completa a frase: “Chegou gente que tem um poder muito forte de influência. E eles influenciaram os outros”:

Mas isso acontece quando a gente passa de ano, tipo, eles colocam outras pessoas nas nossas salas. Aí eles pegam uma pessoa, tipo, a que não estuda e coloca numa sala boa, pensando que a pessoa vai estudar, mas só que isso influencia nós (DANIEL).

A gente não tá influenciando o aluno. O aluno é que tá influenciando a gente. A gente puxa... e isso não é culpa nossa. Às vezes isso é culpa até da Diretoria (LEONARDO). E quantas vezes tem atrito e sai briga com nós. Quanto mais a gente briga, mais as outras pessoas a gente começa a virar (DANIEL).

A relação entre os alunos é enfatizada pelos participantes da pesquisa como fator que interfere na qualidade da educação oferecida pela escola. Na opinião deles quando a escola coloca alunos considerados “ruins” nas salas consideradas “boas”, pensando que os bons vão mudar aquele aluno, acontece justamente o contrário. Aquele aluno ruim é que muda a sala. Na fala seguinte Leonardo explica o que aconteceu com a sala dele com a entrada desses alunos:

Mudou pra pior. Porque os professores falavam que a nossa sala era a melhor. Porque tem a professora de arte, a Sílvana...ela mesmo fala...todo mundo fala do 9º ano A, mas para mim, vocês não são os melhores. Tem o 9º B, ela tá fazendo um trabalho e a nossa sala que se diz ser a melhor, se encheu de orgulho...Na verdade, é que a nossa sala se encheu de orgulho. Se encheu de orgulho. Nos outros anos, o 9º B, 9º C já estão terminando o trabalho que ela está passando e a gente tá no começo a gente tá na primeira fase e a gente começou junto. (Leonardo)

Na próxima fala o aluno questiona uma prática pedagógica muito utilizada na escola que é colocar como representante aquele aluno considerado uma “liderança negativa”, acreditando que o mesmo se tornará, em uma sala considerada boa, liderança positiva. Embora esse tipo de atitude encontre respaldo na tradição escolar, a fala sugere um certo cuidado. Não dá para, como diz o aluno, ficar “pensando só nos alunos ruins daquela sala”, parece necessário um tipo de interação que não deixe ninguém de fora:

O professor podia pegar qualquer um, mas ele pega aquele aluno que tá bagunçando e coloca ele como representante, só um exemplo, como representante da sala. Eu acho que isso influenciou na qualidade de educação da sala. Influenciar, influenciou...não muito assim...mas, olha...eu acho que o orgulho também....piorou muito. Eu acho que...tava normal....tava a qualidade que era no início, mas aí.... como todo ano quando a gente começa, os professores ficam escolhendo aquele aluno, aquele copia a lição e aquele não....então eu acho que, tipo....eles tão pensando só nos alunos ruins daquela sala. Eles sabem quais são os bons, mas eles pensam só nos ruins. Aí eles pensam no ruim como representante da sala e aí acontece isso. (DANIEL).

Com relação a essa prática, em certo sentido comum na escola, há duas ponderações importantes: a primeira é considerar que são todos crianças e adolescentes e que a colocação de um em destaque pode provocar ciúmes nos demais, sobretudo, se o professor não estiver atento à relação daquele ao qual se dá um papel de liderança, com relação à sala. Parece não ser aconselhável o professor usar sua autoridade para impor um líder ao grupo; o segundo ponto é entender qual a verdadeira intenção do professor ao colocar certo aluno em papel de destaque. Trata-se de uma medida pedagógica que será acompanhada e avaliada ou trata-se de transferir para a classe uma responsabilidade que não é dela?

Os alunos consideram que a atitude do professor diante das dificuldades de comportamento na sala interfere na qualidade da educação oferecida. Em suas falas são destacados dois tipos de comportamento diante dos quais o professor costuma ter atitudes inadequadas. O primeiro é com relação aos alunos cujos comportamentos negativos estão relacionados à dificuldade de aprendizagem; o segundo é com relação ao aluno que quer ser “famosinho” que quer “mitar” na escola: “Aí chega a parte da adolescência...tipo, eu sou adolescente e eu posso fazer o que eu quero. Eu sou pai....Eu quero ser! Tipo...você quer mitar na escola”. (LEONARDO).

Se o aluno quer “mitar na escola”, “ser famosinho”, quer “ser marcado nessa escola”, ele pode não ser o tipo de líder que a sala gostaria de ter e a atitude de dar a ele uma condição de líder, pode não agradar ao grupo. Colocar esse aluno em destaque parece não contribuir para a convivência produtiva no ambiente. A fala seguinte permite refletir sobre a situação:

Não é querer, tipo assim...ser o famosinho. Ah...eu quero ser marcado nessa escola. Eu quero mitar. Aí você começa, ao invés de melhorar, pra você mitar no seu comportamento com uma coisa boa, você começa a piorar para as pessoas lembrarem de você. Aí você pensa que tá fazendo uma coisa boa, que você tá mitando....Ah eu fui o mais famosinho da escola....Não! Você foi o mais famosinho da escola, mas você foi o pior de todos. Quando a escola coloca aquele aluno que quer ser “famosinho” em papel de destaque na classe, pode estar praticando uma intervenção indevida na dinâmica de funcionamento do grupo. Outro tipo

de comportamento apontado pelos alunos e que, segundo eles, as atitudes da escola não têm sido adequadas está relacionada aos alunos com problemas de aprendizagem. Na fala seguinte o aluno defende que ele tenha maior atenção, mas que ele não pode perceber que está recebendo tratamento especial. Tipo, esses alunos que tem mais dificuldade de comportamento, eles tem que ter uma atenção maior e não ser, tipo...não que.. que eles não venham a perceber isso. Tipo assim....Ah...os professores tão me dando uma atenção maior porque eu não sou capaz.....eles pensam que sou o pior de todos. Então eu vou piorar mesmo, pra ter atenção. Ele tem que ter uma atenção maior, só que ele não pode perceber isso. Ele tem que ter uma atenção maior, só que ele tem que estar envolvido na sala. Tipo, o Caique....o Caique não tá envolvido na sala. (LEONARDO).

Nessa fala o aluno toca, de forma bem clara, em uma das grandes dificuldades da escola: envolver o aluno com dificuldades de comportamento (mas também de aprendizagem) com a sala. Os alunos se manifestam sobre a maneira como os professores tratam o colega com dificuldades. Os alunos citam um colega de sala para o qual os professores passam atividades de primeira série:

E ele é um pouco mais velho que a gente e ele tem que se envolver com a gente e os professores não tão envolvendo ele com a gente. Passam uma folhetinha lá, uma continha, caça- palavra...ele não tá se envolvendo com a gente (LEONARDO). Ele tem dificuldade no aprendizado, mas não é porque ele tem dificuldade, que ele não pode aprender. Só que o que a maioria dos professores fazem, é como se ele fosse um coitadinho, uma pessoa com uma pequena dificuldade, apenas (SUELLEN).

As falas mostram a dificuldade que é lidar com pessoas com dificuldade de comportamento e de aprendizagem, como é o caso do colega por eles citado. Embora em alguns casos repitam clichês do senso comum que organizam os discursos da escola, muitas vezes apresentam novidades e mesmo coisas velhas de um ponto de vista novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anunciado, buscamos neste trabalho discutir a noção de educação de qualidade a partir da percepção de alunos que estão concluindo o ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal de São Paulo. Como critério para inclusão dos alunos na pesquisa, além do seu consentimento em participar, precisavam estar envolvidos na elaboração do Trabalho Colaborativo de Autoria, exigência do sistema municipal de São Paulo para conclusão do ensino fundamental.

A pesquisa permitiu destacar critérios claros que, na opinião dos alunos, definem educação de boa qualidade: primeiro educação de boa qualidade é aquela em que o professor explica de uma maneira que o aluno entende; segundo, educação de qualidade é aquela em que todos podem participar das atividades propostas.

A ideia de educação de qualidade na opinião dos participantes da pesquisa parece não se contrapor à ideia de bom desempenho em diferentes tipos de avaliação ou mesmo à ideia também corrente de que educação de qualidade é aquela que garante condições institucionais para que as atividades educacionais se realizem. A ideia que os alunos têm de qualidade configura-se como requisito básico para que se possa alcançar o desempenho desejado.

Vale destacar ainda que os alunos colocam como indicador de qualidade o respeito entre professores e alunos e também dos alunos entre si e apontam as brigas entre os alunos como uma interferência negativa na qualidade da educação.

A partir dos dados levantados, é possível perceber que a palavra dos alunos instiga a refletir sobre diferentes aspectos da relação educativa e, sobretudo, sobre formas de incluir sua voz nas discussões sobre a noção de qualidade da educação. Por isso, ouvi-los nos parece um caminho promissor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.G. **Como se faz escola aberta?** São Paulo. Paulus. 2005.

ARAÚJO, G.C. OLIVEIRA, R.P. Qualidade do Ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito a educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2003.

BAUER, A. ALAVARSE, O.M. OLIVEIRA, R.P. Avaliações em larga escala: uma sistematização do debate. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.41, n. especial, p.1367 – 1382, 2015.

BONAMINO, A. e SOUSA, S.Z. Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 373-388, abr/jun. 2012.

JACOMINI, M.A. A escola e os educadores em tempo de ciclo e progressão continuada: uma análise das experiências no estado de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p.401-418, set./dez.2004.

OLIVEIRA, R.P. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 661 - 690, out. 2007.

SOUSA, S.Z. OLIVEIRA, R.P. Sistemas Estaduais de Avaliação: uso dos resultados, implicações e tendências. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.793-822, set/dez.2010.

SOBRE OS AUTORES

JULIO GOMES ALMEIDA. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP - FEUSP, licenciado em língua e literatura portuguesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, supervisor escolar aposentado na rede municipal de ensino de São Paulo e professor dos Programas de Mestrado em Educação e Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo - Unicid.

CRISTIANE BRAGA FERREIRA. Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo - Unicid, professora de ensino fundamental na Rede Municipal de Educação de São Paulo.

RECEBIDO em: 05/02/2018

APROVADO: 26/03/2018